

Orientações gerais

Título do trabalho: Terminologia e Popularização Científica o Pensar Científico e Criativo do Adolescente e do Jovem Adulto Surdo

Autor (s):

Vera Lúcia de Souza e Lima

(CEFET-MG, Professora, veralima@civil.cefetmg.br)

Marianne Rossi Stumpf

(UFSC Professora, stumpfmarianne@gmail.com)

Ana Rachel Carvalho Leão

(CEFET-MG, Professora temporária, anarcleao@gmail.com)

Modalidade:

X Mesa Redonda

Oficina /Performance

Comunicação oral

Duração proposta para a atividade (apenas para oficinas):

Em quais subáreas o seu trabalho pode ser enquadrado?

Opção 1 – Comunicação científica e a interface entre ciência e sociedade

Opção 2 – Educação Científica e Tecnológica & Comunicação científica

Opção 3 – Atores, possibilidades e fomento da divulgação científica,

Subáreas do evento

1. Comunicação científica no Brasil: passado, presente e futuro
2. Circulação, apropriação e utilidade da informação sobre ciência na esfera pública
3. Medicina, comunicação da ciência e construção do conhecimento
4. Atores, possibilidades e fomento da divulgação científica
5. Comunicação científica e a interface entre ciência e sociedade
6. Educação Científica e Tecnológica & Comunicação científica

**Terminologia e Popularização Científica: O Pensar Científico e Criativo do Adolescente
e do Jovem Adulto Surdo**

**Terminology and Science Popularization: The creative and scientific thinking of the
teenager and young adult deaf person.**

Vera Lúcia de Souza e Lima
(CEFET-MG, Professora, veralima@civil.cefetmg.br)

Marianne Rossi Stumpf
(UFSC Professora, stumpfmarianne@gmail.com)

Ana Rachel Carvalho Leão
(CEFET-MG, Professora temporária, anarcleao@gmail.com)

Resumo

Esta comunicação propõe-se a refletir acerca das questões que afetam o acesso do jovem surdo ao pensar científico e de como tais questões se relacionam à escassez do léxico terminológico em Língua Brasileira de Sinais, a Libras, bem como a carência de obras terminográficas bilíngues que contemplem a Língua Portuguesa e a Libras seja nas áreas científica, tecnológica e ou cultural. De fato, o ônus da compreensão dos conceitos científicos no âmbito do Ensino Fundamental e Médio têm sido da responsabilidade dos professores, dos intérpretes de Libras e do próprio aluno surdo. No âmbito do ensino médio Marinho (2007) e Carvalho e Marinho (2010) registram da escassez do léxico terminológico em Libras na área de ciências. No âmbito do ensino profissional e tecnológico o tema da escassez do léxico terminológico vem sendo refletido por Leite e Lima (2010) a partir da criação de sinais da área do Desenho Arquitetônico.

Palavras chave: Terminologia; Popularização Científica; Língua de Sinais; Surdos

Abstract

This work has the aim to talk about the issues that affect the access of young deaf people into the scientific thinking and how such issues relate to the lack of terminological lexicon of the Brazilian Sign Language (Libras). Likewise, this work refers to the lack of terminological bilingual publications in Libras and Brazilian Portuguese either in scientific, technological and cultural areas. The onus of the comprehension of scientific concepts in secondary and high school has been a concern of teachers, sign language interpreters and of the deaf student himself. In the ambit of the secondary school, Marinho (2007) have registered the lack of terminological lexicon in Libras in the area of sciences. In the ambit of the technological and vocational education, Lima and Leite (2010) have discussed the issue of the lack of

terminological lexicon in Libras since the creation of signs in the area of the architectural drawing.

Key words: Terminology; Science Popularization; Sign Language; deaf

Introdução

Esta proposta de mesa redonda, em consonância com o tema “Divulgação científica e interface entre ciência e sociedade” relaciona a criação do léxico em Língua Brasileira de Sinais, a Libras, com diferentes esferas da sociedade. Compreendemos que a condução da proposta de produção do léxico da Libras se encaixa neste eixo 05 contempla a discussão do “papel de quem realiza atividades que buscam reunir leigos e especialistas e como cada uma dessas classes de atores entende a contribuição do seu campo para a construção de uma sociedade mais democrática inclusive no que tange os assuntos relacionados à ciência”.

Este trabalho propõe-se a refletir acerca das questões que afetam o acesso do jovem surdo ao pensar científico e de como tais questões se relacionam à escassez do léxico terminológico em Língua Brasileira de Sinais, a Libras, bem como a carência de obras terminográficas bilíngues que contemplem a Língua Portuguesa e a Libras seja nas áreas científica, tecnológica e ou cultural. De fato, o ônus da compreensão dos conceitos científicos no âmbito do Ensino Fundamental e Médio têm sido da responsabilidade dos professores, dos intérpretes de Libras e do próprio aluno surdo. No âmbito do ensino médio Marinho (2007) e Carvalho e Marinho (2010) registram da escassez do léxico terminológico em Libras na área de ciências. No âmbito do ensino profissional e tecnológico o tema da escassez do léxico terminológico vem sendo refletido por Leite e Lima (2010) a partir da criação de sinais da área do Desenho Arquitetônico. Cabe ressaltar que a ideia de transitar em níveis acadêmicos mais elevados é acalentada pelos jovens surdos, por suas famílias e pelas escolas de nível médio que, nessa medida, têm envidado esforços para minimizar esta descontinuidade na trajetória de jovens surdos egressos do Ensino Médio. No entanto, o ingresso do jovem surdo em outras esferas acadêmicas não acontece de forma natural, pois a falta de proficiência em Língua Portuguesa e ou da Língua de Sinais Brasileira, a Libras, constituem-se como importantes barreiras à sua entrada em cursos superiores. Esta comunicação fundamenta-se em 03 projetos de pesquisa, dos quais 02 na modalidade BIC JR e 01 de PIBIC “Construção de um Glossário Técnico para Adequação da Língua Instrumental em Libras”, Elaboração de um Manual de Ensino de Desenho Arquitetônico para Surdos” e “Estudo do desenho Universal Sob a ótica da Sustentabilidade” iniciados em agosto de 2008 e em 2009. Tais projetos valem-se da metodologia de pesquisa participante, na qual o pesquisador é também objeto da pesquisa, e da metodologia de pesquisa-ação que tem caráter a um só tempo formativo e emancipatório. Elegemos como um dos principais objetivos destes projetos despertar a vocação científica em estudantes surdos incentivando este público alvo à construção de conhecimento e de identidade no âmbito profissional. Portanto, os projetos supracitados inovam ao lançar luzes sobre uma área ainda pouco visitada: a inclusão de alunos surdos em projetos de iniciação científica e, portanto, no pensar científico e criativo.

Sabe-se hoje que o Brasil tem aproximadamente 10 milhões de pessoas com deficiência auditiva (Censo IBGE, 2010), dos quais apenas 12,26% frequentam ou frequentaram escolas. A deficiência auditiva severa foi declarada por mais de 2,1 milhões de pessoas e destas, 344,2

mil são completamente surdas e 1,7 milhão de pessoas têm grande dificuldade de ouvir. Deste universo, é ainda menor o número de surdos que frequentaram Escolas Especiais (0,71%), aquelas que têm o melhor aporte de ferramentas de ensino. O que encontramos aqui são pessoas que não possuem qualquer restrição intelectual para assimilar ou produzir conhecimento, mas que estão subempregadas (ou mesmo desempregadas), em sua maioria por uma barreira linguística.

Cabe registrar que a Comunidade Surda Brasileira apresenta um baixo índice de escolarização, o que a leva, conseqüentemente, a assumir ocupações laborais pouco especializadas. Estes fatores explicam a razão do léxico especializado não ter sido percebido, anteriormente, pela Comunidade Surda, como uma prioridade capaz de incitar o desenvolvimento de terminologias para a Libras através da criação de produtos terminográficos como vocabulários de especialidade ou dicionários temáticos, e através da reflexão sobre os aspectos linguísticos envolvidos nos processos terminológicos.

Com advento das leis que oficializou a Libras como segunda língua no Brasil a busca da comunidade surda por níveis acadêmicos mais elevados tem tornado os sinais especializados ou acadêmicos uma necessidade premente para os alunos surdos, já que: *“que cada vez mais acedem a elevados graus de ensino, necessitando assim de gestos especializados para referirem conceitos afeitos à sua área de formação”* (Duarte e Mineiro, 2007). Nesta proposta de mesa redonda delinearemos o conteúdo de investigações já realizadas relacionadas com a divulgação científica para o estudante surdo. Essas investigações abordam vários aspectos, entre eles: uma revisão das pesquisas relacionadas com os estudos das línguas de sinais e processo de criação dos sinais acadêmicos; características mais adequadas a escrita dos surdos; a originalidade do sistema *SignWriting* (escrita de sinais) e suas limitações; estudo de aspectos terminológica inerente às mais diferentes áreas. As novas tecnologias permitem amplamente o registro em vídeo, por meio das redes sociais, têm promovido a ampliação da oportunidade de diálogo entre os próprios surdos e entre surdos e ouvintes.



O marco teórico desta mesa redonda fundamenta-se nos princípios dos estudos linguísticos e da linguística aplicada na qual estuda-se a Lexicologia e a Terminologia. A Terminologia, como é vista hoje, deve sua fundamentação a dois principais pensadores: Ao engenheiro Eugen Wuster que propôs a Teoria Geral da Terminologia – TGT -, e à linguísta Maria Teresa Cabré e seus colaboradores, pioneiros na sistematização crítica e fundamentada proponentes da Teoria Comunicativa da Terminologia – TCT . O trabalho e, sobretudo, a Teoria de Wüster é reconhecida por terminólogos brasileiros, como Krieger & Finatto e Barros (2004) afirmam que *“a TGT é o pilar referencial dos estudos terminológicos, apesar de seu objetivo principal ser o de padronizar os léxicos especializados para favorecer a eficácia das comunicações científicas e técnicas em plano internacional”*.

A Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), que tem como expoente Maria Teresa Cabré (1999), trata os termos como unidades linguísticas que devem ser consideradas em seus aspectos linguísticos, cognitivos e sociais. Dentre as teorias hoje vigentes a TCT é a que propõe princípios teórico-metodológicos mais coerentes para a descrição e análise das unidades léxicas de valor especializado. Nesse contexto, cabe apresentar a reflexão de Cabré (2002) apud Lima (2014) acerca da criação terminológica, em línguas orais minoritárias. Em

todos os países somente as línguas majoritárias possuem terminologia. Não encontramos estudos acerca de Terminologia em línguas minoritárias relacionados às línguas de sinais, em geral, ou à Libras especificamente. A autora, em seu artigo, lança uma questão de fato inquietante para presente pesquisa:

Mas, quando uma língua não possui terminologia, como se constrói?
Porque é evidente que em todas as situações nas quais se produz um conhecimento original, novo, esse conhecimento se expressa, inicialmente, na língua de quem o produz ou na que serve de veículo entre os pares que trabalham em conjunto no mesmo círculo. Mas, e se nenhum novo conhecimento é produzido pelos especialistas falantes de uma língua? (CABRÉ, 2002, p. 5).

No quadro abaixo ilustramos com a composição de um verbete no Dicionário de Termos do desenho arquitetônico, lexia descrita em Lima (2014)

JANELA DE CORRER – (n/d) • NCF•	
	
JANELA DE CORRER – NCF [Ssing] – Janela cujas Folhas deslizam horizontalmente ao longo de seu vão. Esse deslizamento é possibilitado por rebaxos e trilhos dispostos na parte superior e inferior da abertura. Tem como vantagens não se projetar internamente ou externamente, possibilitando o uso de telas, Grades ou Persianas, simplicidade de operação, baixa manutenção e o uso de folhas de grandes dimensões. Tem como desvantagens liberar apenas 50% de abertura e dificultar a limpeza do lado externo. Usualmente é envidraçada e tem caixilhos de alumínio. Albernaz, pg. 319, 1998. • (Ver: vídeo Janela de correr)	
Ilustração: 	Escrita de sinais (SignWriting): 
<small>Fonte: http://www.mantize.com.br/mantizeprodutos</small>	

Finalizando, esta mesa tratará da produção de conhecimento em língua de sinais. Cabe ressaltar a importância da legislação para impulsionar a difusão e a produtividade linguística, pois que sabemos que a Libras tornou-se língua oficial no Brasil em 24 de abril de 2002 pela Lei 10 467, regulamentada pelo Decreto 5626 de dezembro de 2005 que prevê a sua difusão nos mais vários âmbitos acadêmico e social. Portanto esta língua passará por uma pujante produtividade nas próximas décadas.

Referências

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (Libras) e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm. Acessado em 11/10/2011.

BRASIL. Decreto nº 5626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10436 de 24 de abril de 2002. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acessado em 21/01/2013.

CABRÉ, M. T. (2002) Terminología y lenguas minoritarias: necesidad, universalidad y especificidad. In: Anais da VIII Conferência internacional de línguas minoritárias. Políticas Linguísticas e Educativas na Europa Comunitária. Santiago de Compostela: Xunta de Galicia. Consellería de Educación e Ordenación Universitaria. Dirección Xeral de Política Lingüística. 2002. p. 89-102

KRIEGER, M.G. Terminologia Revisitada. D.E.L.T.A. v. 16, n.2, p. 209-228, 2000. Disponível: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a01v16n2.pdf>. Acesso: 22/02/2014

KRIEGER, Maria da Graça. O TERMISUL E SEU PERCURSO HISTÓRICO: VINTE ANOS DE REFLEXÕES E REALIZAÇÕES . Organon, Porto Alegre, nº 50, janeiro-junho, 2011, p.17 – 29 LEÃO, A. R. C. Deslocamentos subjetivos na sensibilização para a Libras em curso de formação de professores e profissionais ouvintes, Ano de Obtenção: 2013.

LIMA, Vera Lúcia de Souza e. Língua de sinais: proposta terminológica para a área de desenho arquitetônico. 2014. 272 f., enc. :il., fots., color. + 1 pendrive Referências em formato ABNT, Times 12, justificado, 0pt antes, 6pt depois

STOKOE, W. C. *Dictionary of American sign language on linguistic principles*. Silver Spring: Linstok Press, 1976.

STUMPF, M.R. *Aprendizagem de Escrita de Língua de Sinais pelo sistema SignWriting: Línguas de Sinais no papel e no computador*. Porto Alegre: UFRGS, 2005. Tese (Doutorado), Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

STUMPF, M.R. Prefácio. In: SUTTON, V. *Lições sobre o SignWriting: um sistema de escrita para língua de sinais*. Trad. Marianne Rossi Stumpf (s/d). Referências em formato ABNT,